



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

**Repensar transferências e comparações sob a ótica das
“histórias cruzadas” – do historiador e de seus *estudos de caso***

*Rethinking transfers and comparisons from a “crossed stories” viewpoint – the
historians and theirs case studies*

*Repensar las tranferencias y las comparaciones del punto de vista de “historias
cruzadas” – del historiador y de sus estudios de casos*

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana

Professor Doutor / bolsista CAPES - Universidade Presbiteriana Mackenzie, PPG AU, São Paulo, SP, Brasil; e-mail:
angotti@usp.br

Repensar transferências e comparações sob a ótica das “histórias cruzadas” – do historiador e de seus estudos de caso

*Rethinking transfers and comparisons from a “crossed stories” viewpoint – the
historians and theirs case studies*

*Repensar las tranferencias y las comparaciones del punto de vista de “historias
cruzadas” – del historiador y de sus estudios de casos*

RESUMO

Enfoques de estudos comparativos vêm sendo repensados nos últimos dez anos na historiografia internacional; dois momentos epistemológicos se destacam na historiografia francesa: 1. No final dos anos 1980 e decênio de 1990 dá-se o estudo das transferências, redes de relações e apropriações, devidamente contextualizadas (história sócio-cultural). 2. Das comparações passa-se às *histórias cruzadas* (Werner & Zimmermann, 2003), em que experiências de deslocamento de indivíduos são consideradas na re-interpretação de ideários e na recriação de modelos e formas, enquanto temporalidades se redefinem, referências coexistem ou tomam direções imprevistas. Uma retrospectiva de pesquisas pessoais entre a França e o Brasil inscreve-se nessa historiografia: das representações urbanas e arquiteturais (o haussmannismo em Belo Horizonte); da apropriação de caricaturas que descrevem práticas no espaço social da cidade do séc. 19 (de Daumier a Araújo Porto Alegre); e das séries de fotografias construtivistas da arquitetura de Brasília por Marcel Gautherot, indissociável da memória da vanguarda européia vivenciada por ele no entre-guerras. Estes estudos de caso exemplificam o que comparações e cruzamentos significam para o historiador que participa da dinâmica pragmática do seu objeto.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia, história comparativa, representações urbanas

ABSTRACT

Over the past ten years, the comparative approach has been rethink on international historiography; specifically, two epistemological moments can be recognized on French historiography: 1. At the end of the 1980's and in 1990's decade, transfer studies, networks of relationships and contextualized appropriations dominated studies within a cultural and social history frame; 2. Comparative methodology turned to crossed history (Werner & Zimmermann, 2003), and individuals displacement experiences were considered on re-interpretations of ideas and recreation of models and forms, as well as temporalities were redefined, different references coexisted or took unexpected directions. A retrospective of some personal researches on these fields between France and Brazil can be inscribed within this historiography by three case studies: on urban and architectural representations (comparing haussmannism in Belo Horizonte's construction); on the appropriation of caricatures describing social practices of the 19h century city life (from Daumier to Araújo Porto Alegre); and on architectural series of Brasilia's photographs by the French Marcel Gautherot, associated to his memory of European vanguards, specially with Constructivism, during the interwar period. These case studies are exemplary of the meaning assumed by comparisons and interceptions for a historian participating on the pragmatic dynamics of his object.

KEY-WORDS: historiography, comparative history, urban representations

RESUMEN:

Enfoques de estudios comparativos han sido repensados en los últimos diez años en la historiografía internacional. Dos momentos epistemológicos se destacan en la historiografía francesa: 1. En el final de los años 80 y decenio de 90 ocurre el estudio de las transferencias, redes de relaciones y apropiaciones, debidamente contextualizadas (historia socio-cultural). 2. De las comparaciones se pasa a las historias



cruzadas (2003), en que experiencias de desplazamiento de individuos provocan la reinterpretación de idearios y la recreación de formas, mientras temporalidades se redefinen, referencias coexisten o toman direcciones imprevistas. Una retrospectiva de investigaciones personales entre Francia y Brasil se inscribe en esa historiografía: en el campo das representaciones urbanas y arquitecturales (el haussmannismo en Belo Horizonte); en la apropiación de caricaturas en el espacio social de la ciudad del siglo 19 (de Daumier a Araújo Porto Alegre); y en la fotografía constructivista de la arquitectura de Brasília por Marcel Gautherot, indisociable de la memoria de la vanguardia europea vivida por él en el entreguerras. Estos estudios de caso ejemplifican lo que comparaciones y cruzamientos significan para el historiador que participa de la dinámica pragmática de su objeto.

PALABRAS-CLAVE *historiografía, estudios comparativos, representaciones urbanas*

1. INTRODUÇÃO - A escrita da história – reflexão retrospectiva

Tenho observado que uma série de obras publicadas nos últimos anos sugere que se vive um momento “reflexivo” da operação historiográfica, ou seja, uma volta crítica dos historiadores sobre seus próprios trabalhos (refiro-me ao cenário intelectual da historiografia francesa que conheço melhor). Como se houvesse no atual estágio dos trabalhos da nossa geração a necessidade de *refletir sobre a história fazendo história*, como escreveu François Hartog no seu livro *Regimes d’Historicité* (2003). Apesar de certo constrangimento de fazer essa espécie de “ego-história”, que antecedeu a tendência de historiadores de hoje de explicarem seu itinerário (como escreveu Gérard Noiriel em livro que acaba de sair¹), uma dupla razão sugere atualmente, no meu caso, a pertinência de repensar trabalhos pessoais e a historiografia em que se inscrevem: – por um lado, dada a minha inclusão em um grupo de pesquisa do PPG da FAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie este ano, grupo voltado a estudos sobre “protagonistas do ideário europeu” no país, envolvendo questões que me eram familiares relativas a visões comparadas e apropriações do pensamento urbano no Brasil; acresce o fato que após estar afastada por anos das pesquisas em história da arquitetura e do urbanismo (dedicando-me a projetos em outras áreas), constatei, ao voltar à história do urbanismo, que na linha do projeto citado, havia outros em andamento, bem como livros e artigos publicados nos últimos anos no país, que se referiam a *démarches* comparativas e a noções relacionadas a esta que já havíamos trabalhado a partir do final dos anos 80 – ou seja, as noções de *difusão, circulação, adaptação e limites de aportes de ideários urbanísticos, interfaces, cruzamentos, diálogos, circuitos, redes, transferências, empréstimos, traduções, apropriação de modelos, releituras, re-interpretações, etc...*².

Destaco ainda, em livro recente de Christophe Charle³, voltado também para uma postura memorial, a seguinte observação sobre o cenário historiográfico: “dois fenômenos marcaram a reflexão em história nos últimos quinze anos, a multiplicação de trabalhos sobre as transferências culturais e a difusão de um enfoque transnacional” - temáticas que já estavam no ar do tempo nos anos de minha formação na França, entre 1985 e 1993, e que parecem se manter em múltiplas historiografias permitindo o repensar aqui proposto.

Por outro lado, não poderia deixar de responder ao convite para participar desta mesa, feito pela Prof^a. Margareth da Silva Pereira, por quem nutro o maior respeito intelectual, “afinidades eletivas” e interesses convergentes de formação, tecidos na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales há mais de 20 anos; assim, julguei oportuno, adequando-me à

¹ NOIRIEL, G. *Penser avec penser contre. Itinéraire de un historien*, Paris: Belin, 2014, especialmente o capítulo Marc Bloch et le métier d’historien.

² A pesquisa comparativa mantém importância metodológica nos estudos latino-americanos, conforme observam MOTA, C. G e ABASCAL, E. H. Cidade ibero-americana e temas afins: questões, desafios, perspectivas, *Revista Marquise. Arquitetura, Urbanismo e gestão territorial*, dezembro de 2013, alertando sobre as generalizações de autores conhecidos da historiografia.

³ Cf. CHARLE, C., *Homo Historicus. Réflexions sur l’histoire, les historiens et les sciences sociales*. Paris: Armand Colin, 2013. Christophe Charle é autor de obras sobre a história dos intelectuais, das elites universitárias, e de estudos sobre capitais culturais, formas de circulação e internacionalização.

problemática “Historiografia: narratividade, tempos e memória”, de trazer recortes de trabalhos feitos, em guisa de um olhar retrospectivo e “reflexivo” (para usar uma noção do texto de M. Werner e B. Zimmerman, escolhido para pontuar alguns tópicos que trago aqui⁴), partindo de objetos de estudos que publiquei e das conjunturas intelectuais em que foram construídos - a historicidade das abordagens que optei, ou seja, o espaço-tempo em que se desenvolveram, as linhas narrativas em que me inscrevi ao redigi-las.

Ao lançar este olhar reflexivo sobre meu trabalho, remeto-me a Pierre Nora (que tive oportunidade de seguir os seminários durante meu doutorado na França), quando este escreve no prefácio de livro que organizou em 1987 (*Ensaio de Ego-história*), traduzido para o português em 1989; ao reunir historiadores para criar esse novo gênero, Nora observa no prefácio:

o historiador dos dias de hoje está pronto, ao contrário de seus antecessores, a confessar a ligação estreita, íntima e pessoal que mantém com seu trabalho. Ninguém ignora que um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro que vagos projetos de objetividade. O obstáculo transforma-se em vantagem. A explicação e a análise do investimento existencial (...) tornam-se instrumento e alavanca da compreensão (...) cujo interesse metodológico (...) vai além do pretenso exibicionismo de que seu editor foi acusado. (NORA,1989)

Minha linha de pesquisa se definiu com o doutorado e pós-doutorados (CNPq, The Getty Foundation, Fapesp) feitos entre 1985 e 1998 na França, no Brasil, e nos Estados Unidos, e apresentou bifurcações disciplinares coerentes com minha própria formação de historiador na EHESS – afinal, como observava Bernard Lepetit, toda pesquisa histórica nasce do fim provisório de uma série de pesquisas sucessivas anteriores; definem-se enfoques, aprecia-se sua pertinência e relações com as precedentes, toma-se, conscientemente direções novas. Pierre Nora nos mencionados ensaios lembra que a trajetória de trabalho do historiador é um “ballet cuja coreografia obedece aos acasos da vida”, às oportunidades que surgem, ou às que buscamos, segundo conjunturas intelectuais favoráveis ou não ao conhecimento que se produz.

Conforme observam os autores que tomei por base (cf. nota 4), “a historicização engaja ao mesmo tempo o pesquisador e sua relação com o objeto. Ela visa tanto os fenômenos do passado [estudados], como a maneira de abordá-los”, devendo-se “estabelecer uma ligação entre as duas dimensões”. Repensar algumas fases de minha produção historiográfica leva-me a refletir em termos teórico-metodológicos das linhas adotadas recuperando momentos de pesquisas sobre os séculos 19 e 20 que desenvolvi entre a França e o Brasil, exemplos que nos permitirão sugerir o que comparações e histórias cruzadas querem dizer entre nós, sob três enfoques que se seguem.

Representações urbanas e arquiteturas. Refiro-me às comparações, transferências e transformações operadas pelos atores sociais envolvidos na construção de Belo Horizonte;

⁴ WERNER, M. & ZIMMERMANN, B., Penser l’histoire croisée: entre empirie et réflexivité, *Annales HSS*, v. LVIII, n.1, jan.-fev. 2003, p.7-36. Republicado em *De la comparaison à l’histoire croisée*, Paris, Le Seuil, 2004. Traduzido em português: Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade”, *Textos de História*, vol.11, n.1/2, 2003, p-89-127; recentemente incluído em texto sintético dos mesmos autores, *Histoire comparée, histoire croisée*. In: *Historiographies I . Concepts et débats*, sob a direção de C. Delacroix, F. Dosse, P. Garcia & N. Offenstadt, Paris, Ed. Gallimard (Folio-Histoire), 2010.

parto de alguns de meus trabalhos publicados nos anos 1990 – especialmente de artigo sobre os limites da comparação do estudo de caso BH em relação ao haussmannismo, e de posturas tomadas na tese de doutorado, adaptada para o livro *La Casaque d'Arlequin...*, Paris: Editions de l' EHESS, 1997.

Representações da caricatura no espaço social urbano, ou seja, a apropriação operada por Manuel de Araújo Porto Alegre na sua *Lanterna Mágica* da série dos Robert Macaire, de Honoré Daumier, pesquisa desenvolvida a partir de 1994 nos arquivos franceses e nas bibliotecas norte-americanas e que culminou em exposição internacional e publicação: *A Comédia Urbana...* (São Paulo: FAAP, 2003).

Séries construtivistas da construção de Brasília no final dos anos 1950, pelo fotógrafo francês Marcel Gautherot, que retomam tendências da fotografia da vanguarda modernista vivenciada por ele na França nos anos 1920/30. Recorto este tema de pesquisa sobre o fotógrafo e seu tempo, desenvolvida entre 2004 e 2007, cujos resultados foram publicados por ocasião de mostra internacional na FAAP, de que fui curadora, e que vem se desdobrando em artigos diversos, inclusive sobre esta questão⁵.

Relações de tempo vivido e de memória revivida e recriada pautam as pesquisas neste três registros, que levam em conta atores, trajetórias de deslocamento, circulação de referências, conjunturas historiográficas, e marcam tanto a narrativa do historiador quanto as trajetórias dos atores sobre os quais se debruça. Esses três estudos de casos podem ser inscritos em dois momentos metodológicos da historiografia francesa que se destacam e se complementam, ou seja: 1. Na efervescência do final dos anos 80 e do decênio de 90 dos estudos comparativos, transferências, redes de relações e apropriação (história sócio-cultural), que enfoca estudos de caso em situações da *micro-história* e sua inscrição em escalas globais, na *pluralidade de contextos*. 2. Das comparações relacionais passou-se às *histórias cruzadas* (refiro-me ao artigo dos *Annales* cit.), metodologia que destaca a interceptação de trajetórias, redefinição de temporalidades, coexistência e direções imprevistas de referenciais transformados – em estudos de caso foco experiências de deslocamento de indivíduos que recriam formas e reinterpretam ideários e representações que se inscrevem no horizonte pragmático de situações anteriormente vividas. Se a implicação do historiador no universo do seu objeto foi para nós uma postura natural de pesquisa, fruto da observação experimental quando analisamos a Paris do arquiteto Magalhães (tratarei mais adiante desta questão), as assimetrias e diacronias da comparação vivenciada foram teorizadas bem mais tarde por Werner e Zimmermann, que destacaram a articulação do local, nacional e transnacional, como tônica incontornável nas pesquisas nesta linha, que inúmeros trabalhos já haviam demonstrado.

Representações urbanas e arquiteturas (transferências de ideário e de formas operadas pelos atores envolvidos - comparações no estudo caso da construção de Belo Horizonte)

O momento historiográfico nos sugeria um estudo comparativo de modelos de referência, na linha de uma história sócio-cultural de apropriações feitas por atores sociais envolvidos no

⁵ ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Brasília, *ville radiuse* 'photogénique'. In OECHSLIN, K. I. et al. (dir.), *La Chaux-de-Fonds, Chandigarh, Brasília. Utopie et réalité de l'urbanisme au XXe siècle*, Université de Lausanne/ Association Maison Blanche (no prelo).



processo: o engenheiro, o arquiteto e os mestres de obras, cujo pensamento e ação, marcados pela formação recebida, bem como pelas experiências de deslocamento vividas, explicitavam as modalidades de transferências dos modelos e formas e conseqüentemente a transformação destes, segundo as condições de possibilidade locais (jargão relativista, no bom sentido, daqueles anos, explicitado em vários níveis). Esta metodologia engajava questões de geração intelectual, de redes e instituições formadoras desses atores, sua inscrição em situações de micro-história, que se ligavam, porém, a escalas globais de intertextualidade e de práticas polissêmicas marcadas pelo novo contexto. Inseri, então, o estudo de caso de fundação de uma nova capital que contou com uma reflexão urbanística pioneira no Brasil, cotejando textos fundadores da maior importância, que não haviam sido ainda analisados, com referências do ideário saintsimoniano francês, inscrevendo essa relação na historiografia geral do urbanismo; observei a irradiação do sistema Beaux-Arts de arquitetura e o cosmopolitismo do ecletismo que marcou a segunda metade do século 19 nos projetos da nova capital, e destaquei o papel da mão de obra imigrante na feição da cidade. A escolha desses enfoques não foi uma questão “de moda”, mas de *mouvance* intelectual, de cenário favorável à reflexão dos mesmos, de condições para que a produção de conhecimento não fosse uma reflexão isolada, sem historicidade, e sim uma contribuição a uma determinada conjuntura intelectual voltada sobre essas questões, conjuntura que não podia ser melhor – vivíamos, então, na Paris dos anos 80 e decênio de 90, a efervescência das comparações relacionais em seminários, debates, publicações, exposições, o *revival* do século 19, que associava historiadores anglo-saxões e franceses na construção de uma historiografia que marcou época.

(Abro um parêntese para assinalar que minha produção, embora se inscreva em debates da historiografia francesa dada minha formação, sempre se voltou para objetos/estudos de caso inscritos na realidade brasileira, articulando as escalas da micro-estória e da macro-análise dos processos sócio-culturais urbanos, partindo de documentação e situações concretas, e levando em conta os “regimes de historicidade” e as temporalidades disjuntas, tanto dos fenômenos no seu espaço-tempo, quanto da maneira de abordá-los).

Falava-se então de *comparações*, termo que hoje é objeto de reservas para alguns autores. As formas de proceder a elas, porém, não difeririam muito do que mais tarde se denominaria “histórias cruzadas” - tratarei desta passagem.

Voltando ao Brasil, as datas mais recuadas dos meus trabalhos na área de história do urbanismo e da arquitetura, 1994, 1995, 1996, indicam que eles aparecem numa conjuntura intelectual ainda bastante incipiente no país na área de publicações. De fato, as primeiras coletâneas que tiveram alcance bibliográfico só apareceriam depois de 1996. Entre elas o livro que resultou de um congresso⁶, em que já se afirmava o lugar privilegiado da França junto às elites intelectuais brasileiras e latino-americanas, e as modalidades destas relações quanto aos problemas urbanos – a apresentação da coletânea mencionava diretamente “transferências, empréstimos e traduções” de franceses ao urbanismo no Brasil. Porém, os textos não explicitaram o aprofundamento desse enfoque e de sua historiografia em pesquisas pontuais no país, e o organizador emprega a noção de *influência* sem questionar sua inadequação para as situações de comparação e transferência – neste aspecto remeto ao prefácio que escrevi

⁶ RIBEIRO, L.C. Q & PECHMAN, R.M. (orgs.). *Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

para a edição brasileira em 2005 de um livro de Michael Baxandall⁷ de 1985, pois esta noção descartada pelas linhas em que me formei ainda persistem aqui e acolá, em teses de áreas afins do conhecimento como a história da arte, da arquitetura e a do urbanismo, que nos interessam mais de perto⁸.

Questões de método e terminologia inadequadas, compreendidas nas linhas de “estudos comparados” e nas “transferências”, já haviam sido discutidas em minha tese sobre Belo Horizonte (defendida em Paris em 1992); tese que embora incluía reflexões sobre um dos protagonistas centrais da história do urbanismo brasileiro (o eng. Aarão Reis, sobre o qual publiquei em 1997 uma biografia intelectual), e sobre modalidades de apropriação e transferência de modelos arquiteturais do século 19 no país, permanecia pouco conhecida.

Abro um parêntese para lembrar que o pesquisador também é um ser social - lemos isso na nota 29 do texto de Werner e Zimmerman citado - e como tal carrega uma herança de formação e historicidade em suas abordagens, que depara com campos de força, de produção intelectual e de poder nem sempre favoráveis à sua inserção - Bourdieu que o diga! Há uma conferência dele publicada em 1990, em que afirma que a vida intelectual, como todos os campos sociais, é um lugar de resistências, interesses, paixões nacionalistas, e que *textos que circulam sem seu contexto*, ou são mal interpretados, ou não encontram recepção, pois os receptores se encontram em um campo diferente de referências⁹.

Assim é que, o meu texto sobre o haussmannismo de 1995 (a que farei referência nesta primeira parte, pois pertinente a uma das noções em pauta, a do comparatismo), e outro artigo na mesma linha publicado na *Revue de l'Art* em 1994 (que em 2001 saiu em português em *Cidades Capitais do séc. XIX*, livro que organizei), não tiveram espaço nas coletâneas sobre urbanismo que se seguiram, e uma fraca difusão no país. M. Werner e B. Zimmermann levantam o problema de “pessoas e entidades que não compartilham os mesmos sistemas de referência” (cf. texto n.4, p.109), ou que não se inscrevem na mesma historiografia. Como observou Pierre Nora no livro que citei na Introdução: *nenhuma atividade intelectual está tão dependente como a história, das condições de sua elaboração, dos lugares onde desabrocha, das circunstâncias de sua produção, dos seus enraizamentos físicos e biográficos*.

Margareth C. da Silva Pereira lembra, em outro contexto, que “nem mesmo uma mera antologia possui neutralidade e é sempre organizada e lida segundo as práticas sociais (inclusive as intelectuais) de seus autores e leitores”¹⁰.

⁷ ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Introdução à edição brasileira, In: BAXANDALL, M. *Padrões de Intenção. A explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁸ Candido Malta Campos, assinalou recentemente a necessidade de superação de terminologia como “influências” em seu artigo sobre a circulação e os mecanismos da tradução, transferências e empréstimos, lembrando a necessidade de se aprofundar esses processos. Cf. A circulação do ideário urbanístico na América do Sul, *Revista Marquise*, op.cit, p.48-69.

⁹ BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 5/2002 (n. 145), p.3-8.

¹⁰ SILVA PEREIRA, M. C. Globalização e história ou atores sociais e culturas urbanas já são levados a sério?, In PINHEIRO MACHADO, D. B. (org.), *Sobre Urbanismo*, Rio de Janeiro: Proub/Viana e Mosley, 2006, p. 47.

Quando escrevi o texto, publicado em 1995, relativo aos limites da comparação do haussmannismo no Brasil, enfocando o caso de BH¹¹, – era pertinente tomar uma posição diante de evocações freqüentes e ligeiras a Haussmann nas publicações brasileiras, sem o devido aprofundamento, e ignorando posturas revisionistas da historiografia a respeito. Abri meu artigo – como uma boa filha dos *Annales* –, com a conhecida assertiva de Marc Bloch sobre as precauções a tomar na explicação histórica baseada na comparação. Anos depois, em 2000, quando Marcel Detienne, helenista belga, polemizou Bloch, em *Comparar o incomparável*, introduzindo com sua abordagem antropológica a ruptura do paradigma “só se pode comprar o que é comparável”, os tempos já eram outros – lembremo-nos que a assertiva do grande historiador Marc Bloch, que reservava o uso do método comparativo a situações pontuais e nacionais foi lançada em seu clássico artigo de 1928, “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”, em momento peculiar de posicionamento da História frente às ciências sociais. Bloch escreveu em determinada conjuntura intelectual, e a *timidez* e precauções dele inscrevem-se no seu tempo, porém, sua prudência comparativa continuou válida até que se provasse o contrário com a devida pertinência. A respeito de sua prudência comparativa Jacques Le Goff observará mais tarde que Bloch não dispunha de teorias e métodos que lhe permitissem ir mais longe, além das exigências da historicidade etnocêntrica vigente. Mudanças epistemológicas, associações de áreas de conhecimento antes separadas (antropologia e história principalmente), passaram a permitir comparações atemporais e deslocadas no espaço, desde que sob certos cuidados na abordagem.

“Os limites do comparatismo em história cultural”, é título de um texto a evocar nesta reflexão, cujo autor, Michel Espagne, participava do mesmo laboratório de pesquisa de Michael Werner e B. Zimmerman, sobre as relações entre a Alemanha e a França, grupo atuante na EHESS desde 1987. O texto proclama a abertura historiográfica fora dos guetos identitários e nacionalistas e comentando um leque de temas de pesquisa, destaca que as escolhas se justificam se baseadas em *relações reais*, e em *espaços culturais definidos* – me reconheço nesta linha quando inscrevi a comparação Paris-Belo Horizonte em três registros – a cidade, a arquitetura e os espaços verdes - atenta aos aspectos *de comparações pontuais* dos atores e aos discursos relativos à fundação de Belo Horizonte – do engenheiro com o ideário saintsimoniano que era a base do haussmannismo, do arquiteto com a vivência de alguns anos na *École des Beaux-Arts* e na Paris dos anos 1870, explicando as diferenças históricas e estruturais das duas situações urbanas, e dos horizontes pragmáticos em que evoluíram.

Assim, assinaei os limites da comparação, na historicidade de cada caso, as coordenadas espaço-temporais no processo de transferências, sempre fragmentárias, do modelo em questão. O haussmannismo correspondia exatamente, naquele momento, à evolução da cidade de Paris na história, o que quer dizer que toda transformação urbana carrega em si a lógica de suas próprias condições de possibilidade – daí os limites da apropriação, que só pode ser parcial, pois um modelo urbano é inseparável das culturas profissionais e de todo um conjunto de noções e escolhas engendradas nelas – daí a escolha de níveis pertinentes de comparação e compreensão das particularidades: dificuldade assinalada no artigo de Werner e

¹¹ ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Revisando Haussmann, ou os limites da comparação. Paris/Belo Horizonte: a cidade, a arquitetura e os espaços verdes. *Revista USP*, nº 26, 1995. (On line)



Zimmermann, publicado anos depois, em 2003, nos *Annales*. Neste raciocínio a universalidade da haussmannização é de fato um equívoco, pois o modelo fora de Paris não resiste¹².

Os problemas da *transferência* decorrem, entre outros, da questão do *referencial* – dos diferentes *quadros de referência* das sociedades que o recebem, e do fato que as categorias de análise pertencem a registros nacionais diferentes, pressupondo automaticamente os “desvios” ou a aculturação do modelo, que engendram dinâmicas específicas, e escapam da fixidez analítica de se ter um ponto de partida e um ponto de chegada. Werner e Zimmermann passam então a privilegiar a *história cruzada* e não mais as transferências, pois os *cruzamentos* encerram acepções relacional, interativa e processual, prevendo uma multiplicidade de aspectos que se transformam, supondo temporalidades distanciadas: tudo a ser devidamente articulado pelo pesquisador. Exemplo da imbricação das dimensões empíricas e reflexivas, que mencionei.

Assinalei no referido artigo que comparações com o haussmannismo são pertinentes em vários pontos: por ex. em relação à sistemática hierárquica, buscada por Reis na “organização” da Comissão Construtora, suas seções e subseções, em que a competência técnica de engenheiros devia predominar, seguindo o pensamento saintsimoniano que marcara a gestão de Haussmann. A construção da cidade devia ser uma ciência autônoma a ser delegada a um grupo de experts, sem as ingerências políticas. Em relação aos equipamentos urbanos são lidos franceses como Belgrand, (sobre o abastecimento de água e a rede de esgotos), e os estudos das comissões de higiene e de saneamento de Paris, além de outros textos-chave. Em relação aos espaços verdes, atua em BH um discípulo de Barrillet-Deschamps, da equipe de Alphand, braço direto de Haussmann: Paul Villon, que já havia trabalhado em Marseille no parque Borely, e que atuaria no Rio de Janeiro, como já se estudou. É indiscutível a preocupação de Aarão Reis em criar uma cidade arborizada, um parque público, em prever o zoneamento precoce, a higiene, a aeração e a futura circulação na nova cidade. O que ele não podia prever era a resistência do meio a esses equipamentos incompatíveis com os usos sociais, e a recepção contrária ao cientismo progressista que ele queria implantar.

Nós pesquisadores sabemos que entre as representações e as práticas as disjunções se dão em vários níveis – Werner e Zimmermann destacam que a *virada culturalista* nas ciências sociais foi marcada pela *consciência do funcionamento diferenciado das sociedades e culturas*. (As disfunções são também descritas por Bourdieu no art. citado, relativas às diferenças entre historiografias e conjunturas de elaboração de textos, como já observei).

Um outro aspecto interessante que aproxima Reis de Haussmann é que ele também se serve da fotografia (cria o Gabinete Fotográfico da Comissão Construtora) tanto para salvaguardar a memória do arraial que deveria desaparecer, quanto para difundir os projetos em elaboração – gestos típicos dos administradores urbanos do século 19, Haussmann entre eles, quando solicita a Charles Marville a campanha fotográfica para documentar Paris em três tempos: a cidade que ia desaparecer, as obras em execução e a nova cidade que surgia – trata-se aqui da consciência patrimonial possível na época, do registro imagético documental das

¹² Retomo aqui, parte da conclusão de uma mesa que presidi no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo em 1998, na PUC de Campinas, justamente sobre ‘A circulação de modelos urbanísticos, transferências culturais entre Europa e Américas’, de que participaram Antoine Picon, Murillo Marx e George Teyssot.

temporalidades urbanas. Choay destaca que toda a obra parisiense de Haussmann ilustra a dialética *conservação, demolição e inovação* que caracteriza uma cultura urbana e sua inscrição no espaço e no tempo. A *tomada de consciência* por nós pesquisadores da *dimensão histórica* de um gesto como este faz parte do que Werner e Zimmerman chamam de *atenção à historicidade* do objeto.

Muito se avançou depois desta época na historiografia sobre a reavaliação da obra do prefeito de Paris, o barão Haussmann. Choay, uma das ardentes responsáveis pelo cuidado em revisar esta intervenção sem par na história do urbanismo, foi responsável pela edição integral das *Memórias de Haussmann* em 2000, e publicou no ano passado com Vincent St. Marie Gauthier (que também escrevera na Introdução das *Mémoires*) um extrato dos textos de Haussmann, com um título, no mínimo provocativo, que causa estranhamento aos menos próximos desta reabilitação: *Haussmann, conservador de Paris* - reafirmando a defesa e as dimensões reais de sua obra diante das atitudes depreciativas e estereótipos redutores que se perpetuaram na historiografia com base em críticas que lhe são contemporâneas e em abordagens ideológicas.

Voltando à historiografia dos anos 90 sobre a questão, o n. 106 da *Revue de l'Art* em 1994, intitulado Haussmannismo inscreve-se na conjuntura historiográfica acadêmica francesa da história da arquitetura e urbanismo da qual participamos com o artigo “La pensée française dans la fondation de Belo Horizonte: des représentations aux pratiques”, na linha comparativa da transferência de ideário ou apropriações possíveis mencionada - os demais artigos que tratam da transferência mais ou menos sincrônica do modelo haussmanniano são quase todos sobre cidades francesas: Marselha, Montpellier, Lyon, Nantes, Toulon, voltados para uma haussmannização sempre fragmentária nestas cidades, referentes à *percée*, à rua imperial, em cada uma delas. As exceções, que mostram uma internacionalização do haussmannismo, são meu artigo e um sobre Bruxelas. Acredito que no livro *Cidades Capitais do século XIX*, que organizei logo depois, os textos de Antoine Picon e Bernard Lepetit sobre a gênese deste modelo foram além desta abordagem; e quanto aos estudos de caso em outros países, o exemplo do haussmanismo na Itália por Donatella Calabi especifica aspectos locais da transferência sob perspectivas historiográficas mais abertas do que as de uma certa história da arte francesa que levou tempo para se libertar dos formalismos e de terminologia que a nova história defendida pelos representantes da EHESS contestava desde os anos 70.

Voltando à retrospectiva historiográfica de obras sobre a circulação de ideários e trajetórias, e às posturas do artigo “Penser l’histoire croisée...”, este destaca a multiplicidade de escalas, a relação entre a micro e a macro história, a complementação entre os diversos níveis de análise que se cruzam, da história intelectual à história cultural – campo que inclui a biografia intelectual, questões de geração e conseqüentemente redes de relações, conforme eu já havia assinalado em 1997, no livro sobre Aarão Reis¹³, um dos nossos maiores urbanistas; uma biografia intelectual é uma seleção de aspectos de um pensamento aos quais damos um sentido. Cruzei seu discurso e as matrizes de referência que citava, destacando nelas os limites da comparação e os níveis atemporais das apropriações intertextuais: a retórica progressista do século 19 presente em sua obra se alinha às leituras dos utópicos das Luzes, sem

¹³ Cf. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro/CREA, 1997.



desconhecer, porém, posturas urbanistas alemãs e especialmente norte-americanas, que circulavam, muitas vezes, por meio dos textos franceses.

O entrecruzamento de biografias para estudar a dinâmica urbana e seus conflitos em uma relativa longa duração, também pode ser um exercício interessante, como busquei demonstrar mais tarde enfocando Vauthier e Reis¹⁴, em relação aos embates entre a racionalidade técnica da engenharia e a gestão política, em dois tempos da nossa história urbana. Questões permanecem e se deslocam em *situações que se relacionam*, e permitem cruzar a história de atores sociais, confirmando que os contextos de recepção podem ser igualmente adversos em outro espaço e outro tempo.

Passemos agora a um dos pontos da reflexão sobre a “comparação perante a historicidade dos seus objetos”, que Werner e Zimmermann assinalam em um outro nível, que é o envolvimento do observador na base da operação cognitiva, *na prática da pesquisa; a imbricação entre as dimensões empírica e reflexiva*, o cruzamento de escalas espaciais e temporais, historicamente constituídas e situadas. Ora, na retrospectiva de meus trabalhos anteriores reconheço ter assumido esta postura em um primeiro artigo quando estava escrevendo a tese, em 1990¹⁵, onde explico as razões e narro a importância de se fazer uma tese sobre BH na França, destacando a análise comparativa de temas que se internacionalizavam na época na história cultural do urbanismo e da arquitetura, em plena efervescência: *saberes, representações e formas* – percebo hoje, que passei por um processo que esses autores explicam sobre a relação entre o objeto e a pesquisa, ou *como as características do objeto influem os parâmetros da pesquisa*. Assim, a obra do arquiteto José de Magalhães em BH foi desconstruída por mim dentro do sistema da École des Beaux-Arts de Paris que ele frequentou como aluno de segunda classe, sistema cujo estudo aprofundado permitiu perceber a arquitetura de BH como uma variante possível deste sistema, guardadas as devidas proporções, intrínsecas às condições de possibilidade de materiais, de mão-de obra e outras, no momento da realização. *Cruzei e entrecruzei* atores e leituras, modelos que circulavam e monumentos que se destacavam na Paris vivida por ele. A carência de fontes diretas (de que reclamam os historiadores) foi suprida. O enunciado de um simples programa dado aos alunos-arquitetos como exercício sobre *Éléments Analytiques*, permitiu que eu reconhecesse a *démarche* da composição Beaux Arts nos projetos de Magalhães para BH, e os parâmetros da noção de Ecletismo (sobre a qual ainda vigoram equívocos...). Assim como suas referências de leitura francesas foram detectadas em simples crônicas locais que circulavam quando se construía a capital (trechos de Jean e Léonce Reynaud, além de Viollet-le-Duc são citados informalmente nessas crônicas – referências que passavam despercebidas).

Mas, além da frequência aos arquivos e bibliotecas parisienses, eu me reconheço no envolvimento experimental que Werner e Zimmerman descrevem, como de *ida e volta entre o pesquisador e seu objeto*, ou seja, na observação da cidade – no artigo citado, destaco a vivência cotidiana da arquitetura de Paris como um meio cognitivo para atingir meu objeto de

¹⁴ ANGOTTI-SALGUEIRO, H. O engenheiro Vauthier e as contradições da racionalidade técnica no Brasil”, In PONCIONI, C. e PONTUAL, V. (dir), *Un Ingénieur du Progrès. Louis-Léger Vauthier entre la France et le Brésil*. Paris, Michel Houdiard éd. 2010.

¹⁵ ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Paris-Belo Horizonte: image transferée, image transformée, *Cahiers du Brésil Contemporain*, n. 12, dezembro 1990.



pesquisa, ou seja, a experiência informal na busca de refazer retrospectivamente o olhar de Magalhães caminhando pelos bulevares parisienses, para reconhecer seu *stock de memória de rua* transferido e transformado em seus projetos anos depois na arquitetura de BH, ou seja, *démarche* próxima daquela que mais tarde Bernard Lepetit chamaria de “formas da experiência”. (A indução a esta abordagem estava no ar do tempo, construída automaticamente nos debates dos seminários que frequentávamos, ou no impacto e fascínio que a capital do século 19 exercia sobre todos nós).

Embora a análise de Werner e Zimmermann ainda não tivesse sido escrita, livros como o de Michel de Certeau, *L'invention du quotidien*, com o célebre capítulo “Marches dans la ville”, já faziam parte da nossa bibliografia. “O espaço de compreensão criado pela pesquisa não existe a priori e se constitui de forma dinâmica através das relações cruzadas” da posição do pesquisador e da definição do objeto” (cf. o artigo cit. “Penser l’histoire croisée...”).

Representações da caricatura no espaço social urbano

Se estudos de caso de trajetórias visam mostrar possibilidades de *démarches relacionais*, outra pesquisa que desenvolvi sobre os mecanismos da apropriação no século 19 – *A Comédia Urbana: de Daumier a Porto-Alegre*, trata de comparações no âmbito da caricatura sobre práticas sócio-culturais no espaço da cidade. Neste trabalho, histórias se interceptam e a pesquisa sobre cruzamentos revela-se fecunda, em temporalidade próxima: analiso a trajetória de Manuel de Araújo Porto-Alegre, personagem plural da nossa história oitocentista, quando ele vai para Paris em 1831 e vivencia o universo da circulação da imprensa urbana ilustrada, que retrata e ironiza o comportamento dos homens nos lugares sociais da cidade, como os teatros de *boulevard*; as caricaturas representam criticamente as profissões, os charlatães e os burgueses corruptos da Monarquia de Julho, os debates sobre os problemas urbanos, a sátira política e social moralizante do grande Honoré Daumier, na sua série dos Robert Macaire que ora circulam em folhetins, sendo extremamente populares. De volta ao Brasil, Porto Alegre vai transferir esse *referencial* transformando-o numa sátira à vida urbana do Rio de Janeiro, e adaptando os tipos nos fascículos da *Lanterna Mágica*, que não contou, porém, com a recepção esperada por seu autor e ficou esquecida num canto da nossa história. Paris e Rio eram, obviamente, bem diferentes naqueles anos, como ainda o são hoje. Daumier e Porto Alegre também apresentam trajetórias biográficas diversas que, porém, se interceptam em vários pontos – neste sentido são as escolhas e o conhecimento do pesquisador que apontam as convergências; ao construir esta relação, procurei não separar os níveis dos cruzamentos – história da arte integrada às histórias da cultura urbana, da literatura, da litografia, da propaganda –, ressaltando a *interação* entre elas, e colocando, especialmente, sob outro ângulo, noções desgastadas da comparação, como “cópia” e “originalidade”¹⁶.

Da pesquisa de uma história da arte atenta à sociedade urbana – escolhas, contingências, projetos e oportunidades de pesquisa me levaram a outros registros: à geografia humana e cultural e depois à história da fotografia, na seqüência do interesse pelas “representações do Brasil” – do estudo do francês Pierre Monbeig que viveu 11 anos no Brasil (1935-1946) à história da fotografia, do também francês Marcel Gautherot, que em 1941 se instala no país. Vamos a esta questão para terminar nossa reflexão retrospectiva.

¹⁶ Ver meus textos no catálogo da exposição que organizei *A Comédia Urbana: de Daumier a Porto Alegre*. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2003.

Séries construtivistas da construção de Brasília

Para exemplificar uma situação de histórias cruzadas, menciono um registro mais recente de pesquisa destacando um aspecto que detectei na obra do fotógrafo Marcel Gautherot; ou seja, sua inscrição, antes de trabalhar no Brasil, em *dimensões referenciais* vividas por ele em Paris, que reaparecem mais tarde em sua produção fotográfica em outro espaço e outro tempo, embora indissociáveis dos anos de formação e de experiências anteriores. Sem tratar de outros aspectos da obra de Gautherot (como o das representações do Brasil, publicadas em um dossiê nos *Anais do Museu Paulista*, em 2005), passo a considerações da pesquisa, especialmente sobre a sua fotografia da arquitetura moderna brasileira, que nos interessa particularmente.

O *trabalho de contextualização* da formação de Gautherot em Paris, antes de vir para o Brasil, ainda não havia sido feito, a *variedade de situações e relações* em que o situamos, evidenciou aspectos fecundos que explicam sua trajetória e suas escolhas figurativas no Brasil. Da rica historiografia francesa apoiei-me também em estudos que começaram a surgir a partir de 2005 sobre os significados do exílio e das migrações transatlânticas, e das suas diversas motivações durante a Ocupação alemã na França – estudo da vida cultural, da debandada de intelectuais e da refundação profissional do outro lado do Atlântico – porém, a carreira fotográfica está praticamente ausente desses estudos e as experiências de deslocamento analisadas se concentram no eixo Paris-New York¹⁷. Nesta linha, trabalhei duas figuras emblemáticas do binômio *exílio-criação*, Verger e Gautherot, cujas *histórias* realmente se *cruzam*, se interceptam, em níveis interessantíssimos na história da fotografia moderna. Eles não se tornam fotógrafos no Brasil como se afirma, estão presos a um referencial distante, a modos de fotografar anteriores. Embora tenham vivido uma migração de ruptura pessoal e mesmo inseridos nos meios locais (SPHAN, Comissão Nacional do Folklore, arquitetura moderna no caso de Gautherot), embora contribuam para a cristalização da identidade local com suas fotos documentais de representações emblemáticas das regiões e tipos, costumes e práticas brasileiras, associações devem ser feitas com códigos de representação de nacionalidade vividos antes, na Paris dos anos 30 e em relação às instituições a que se ligaram (questões que foram analisadas no catálogo da exposição de 2007, em cursos que ministrei entre 2004 e 2008¹⁸, e em artigos que se seguiram). Mas vamos à arquitetura, que nos interessa mais de perto.

Em Brasília, como fotógrafo de Oscar Niemeyer responsável pelo registro documental da epopéia da construção da nova capital, Gautherot (que tinha uma formação na ENSAD de Paris, amava o modernismo e era leitor de Le Corbusier), faz uma apropriação da fotografia da vanguarda dos anos 20. Retoma o construtivismo de fotógrafos como Germaine Krull e sua visão distorcida da torre Eiffel, em séries de contatos abstratos das estruturas dos edifícios em construção da nova capital que surgia no final dos anos 1950. Assim, apesar da ruptura aparente que representou sua vinda para o Brasil em 1941, ao se profissionalizar em novo espaço, não se desligou das tendências fotográficas dos anos de formação em Paris – sua história cruza-se com muitas outras, em facetas de sua obra, como tive ocasião de

¹⁷ LOYER, E. *Paris- New York. Intellectuels et artistes français en exil 1940-1947*, Paris, Grasset, 2005.

¹⁸ Como professora titular da Chaire Brésilienne en Sciences Sociales ‘Sergio Buarque de Hollanda’ (MSH, Paris), dei cursos nas universidades de La Rochelle, Poitiers, Tours e EHESS, sob o tema de pesquisa: Image, langage, voyage: représentations du Brésil. Acteurs, lectures, pratiques.



demonstrar¹⁹. *As transferências e a questão do referencial*, as relações detectadas com o Construtivismo e outras tendências centrais da Nova Fotografia como a Nova Visão, e a Nova Objetividade, distantes no tempo e no espaço, haviam passado completamente despercebidas até nossa pesquisa.

A obra de Gautherot insere-se, assim, em uma historiografia reflexiva do entre-guerras que vem se desenvolvendo nos últimos dez anos, que além do estudo da relação exílio-criação, volta-se para os meios de aprendizagem do *métier* fotográfico, as instituições e redes que reuniam os profissionais, informando e dando sentido às imagens; a *historicização* das experiências vividas mostra o que ressurge da memória nas obras produzidas mais tarde. Seu acervo está repleto de formas passadas cujo sentido é renovado no presente do país que o acolheu.

Mais uma vez, a prática do *métier* de historiador nos levou a um universo historiográfico de reflexões em franca ebulição – os estudos da história da fotografia a partir de 2004, assim como havia sido a reflexão sobre o haussmannismo e o ecletismo nos anos 80/90 – o encadeamento de temáticas estudadas, embora imprevisível, tem sua própria lógica. A *pesquisa histórica* observava Bernard Lepetit, *deve ser retomada a cada vez em novas bases*²⁰.

É indiscutível o papel que um lugar de pesquisa pode exercer na evolução de uma historiografia – resta-nos desejar que este encontro seja antes de tudo o lugar de um prazer intelectual fecundo para todos nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à colega, Profa. Dra. Margareth C. da Silva Pereira, pelo convite de participar dessa mesa com este trabalho, que tivemos ocasião de começar a discutir em apresentação que fiz no laboratório de pesquisa dirigido por ela na UFRJ. Meus agradecimentos se estendem a CAPES (bolsa de pós-doutorado) e ao PPG em Arquitetura e Urbanismo da FAU Mackenzie a que me associo atualmente.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Pierre Verger e Marcel Gautherot, da França ao Brasil: experiências cruzadas e convenções de representação. In PERRONE-MOISÉS, L. *Cinco séculos de presença francesa no Brasil*, São Paulo, EDUSP, 2013.

-----, *Brasília, ville radieuse 'photogénique'*. In OECHSLIN, K. I. et al. (dir.), *La Chaux-de-Fonds, Chandigarh, Brasília. Utopie et réalité de l'urbanisme au XXe siècle*, Université de Lausanne/ Association Maison Blanche (no prelo).

----- (org.) *Marcel Gautherot e seu tempo: o olho fotográfico*. Com contribuições de SEGALA, L. e LUGON, O. São Paulo: FAAP, 2007.

¹⁹ ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Pierre Verger e Marcel Gautherot, da França ao Brasil: experiências cruzadas e convenções de representação. In PERRONE-MOISÉS, L. *Cinco séculos de presença francesa no Brasil*, São Paulo, EDUSP, 2013. Ver também meus capítulos e os de Lygia Segala, na obra que organizei *Marcel Gautherot e seu tempo: o olho fotográfico*. São Paulo: FAAP, 2007.

²⁰ LEPETIT, B. *Arquitetura, geografia, história: usos da escala*, In: ANGOTTI-SALGUEIRO, H. (org.) *Bernard Lepetit – por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001.

- , O engenheiro Vauthier e as contradições da racionalidade técnica no Brasil. In PONCIONI, C. e PONTUAL, V. (dir), *Un Ingénieur du Progrès. Louis-Léger Vauthier entre la France et le Brésil*. Paris, Michel Houdiard éd. 2010.
- , Introdução à edição brasileira, In BAXANDALL, M. *Padrões de Intenção. A explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- , Paris-Belo Horizonte: image transferée, image transformée, *Cahiers du Brésil Contemporain*, n. 12, dezembro 1990, p. 69-78.
- , Revisando Haussmann, ou os limites da comparação. Paris/Belo Horizonte: a cidade, a arquitetura e os espaços verdes. *Revista USP*, n° 26, jun-ago. 1995, p. 195-205.
- BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 5/2002 (n. 145), p.3-8.
- CAMPOS, C. M. A circulação do ideário urbanístico na América do Sul, *Revista Marquise. Arquitetura, Urbanismo e gestão territorial*, dez. 2013, p. 48-69.
- CHARLE, C., *Homo Historicus. Réflexions sur l'histoire, les historiens et les sciences sociales*. Paris: Armand Colin, 2013.
- ESPAGNE, Michel, Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. In: *Genèses*, 17, 1994, p. 112-121.
- HARTOG, F. *Regimes d' historicité. Présentisme et expérience du temps*. Paris: Seuil, 2003.
- LEPETIT, B. (dir.) *Les formes de l'expérience. Une autre histoire sociale*. Paris : Albin Michel, 1995.
- LEPETIT, B. Arquitetura, geografia, história: usos da escala, In: ANGOTTI-SALGUEIRO, H. (org.) *Bernard Lepetit – por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp, 2001, p.225.
- LOYER, E. *Paris- New York. Intellectuels et artistes français en exil 1940-1947*, Paris, Grasset, 2005.
- MOTA, C. G e ABASCAL, E. H. Cidade ibero-americana e temas afins: questões, desafios, perspectivas, *Revista Marquise. Arquitetura, Urbanismo e gestão territorial*, dez. 2013, p. 70-94.
- NOIRIEL, G. *Penser avec penser contre. Itinéraire de um historien*, Paris: Belin, 2014.
- SILVA PEREIRA, M. C. Globalização e história ou atores sociais e culturas urbanas já são levados a sério?, In PINHEIRO MACHADO, D. B. (org.), *Sobre Urbanismo*, Rio de Janeiro: Prourb/Viana e Mosley, 2006.
- WERNER, M. & ZIMMERMANN, B., Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité, *Annales HSS*, v. LVIII, n.1, jan.-fev. 2003, p.7-36. Republicado em *De la comparaison à l'histoire croisée*, Paris, Le Seuil, 2004.